



DEPARTAMENTO DE
COMPETITIVIDADE E TECNOLOGIA

JUROS: EVOLUÇÃO E ATUAÇÃO DA FIESP

José Ricardo Roriz Coelho

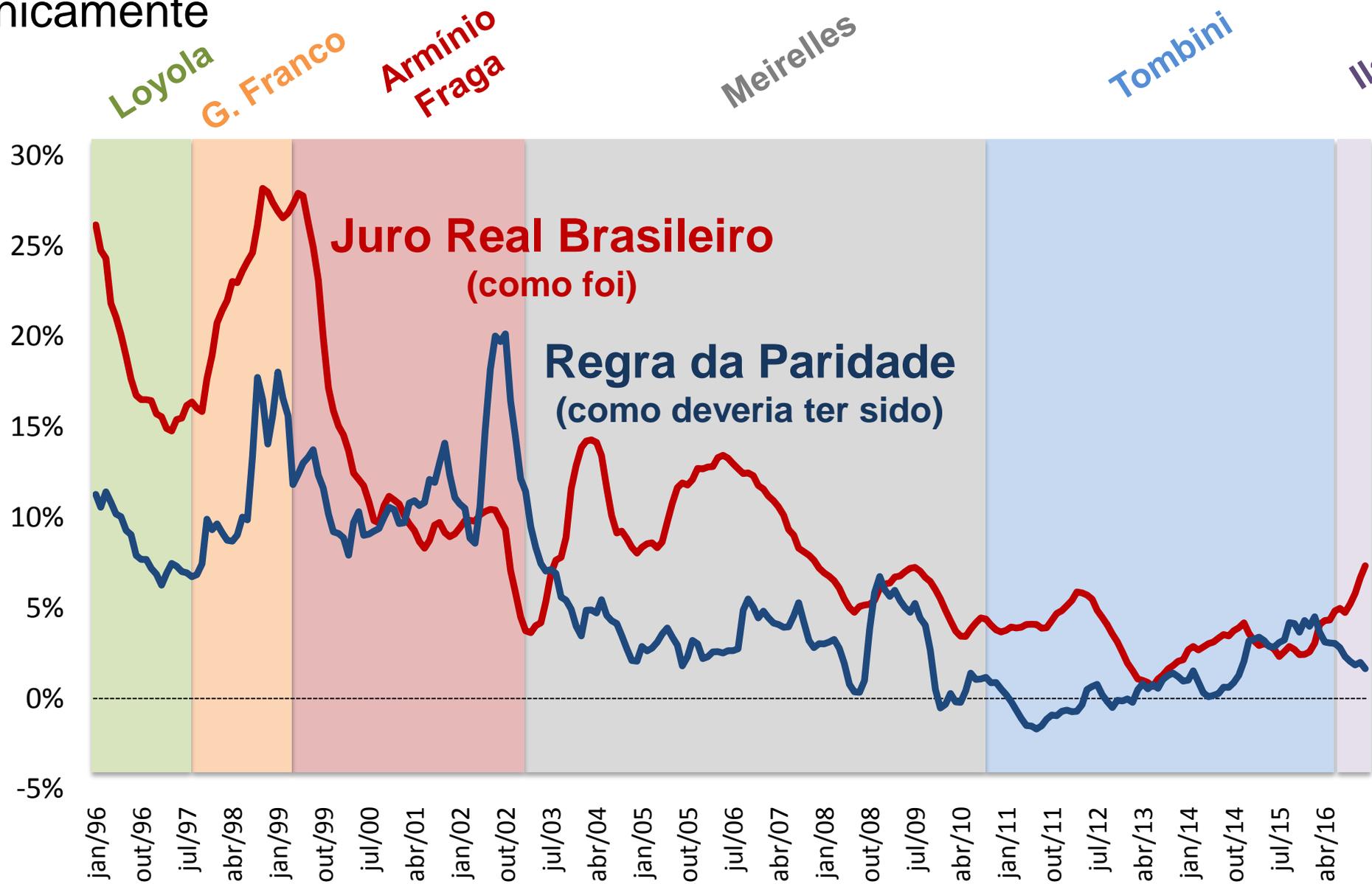
Vice-Presidente da FIESP

Diretor Titular do DECOMTEC

23 de Janeiro de 2017

Reunião da Diretoria da FIESP

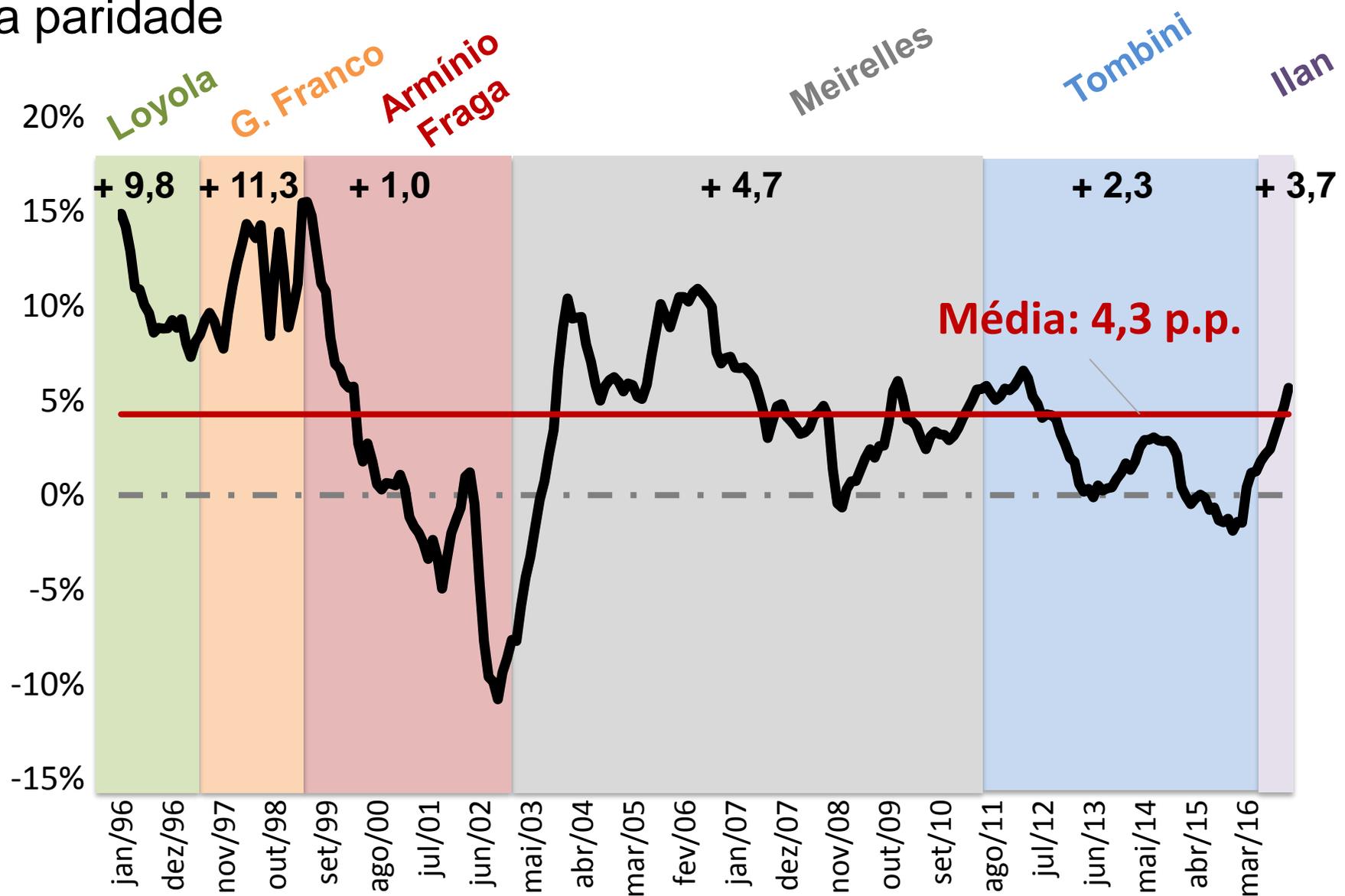
Nos últimos 20 anos (1996 a 2016), a taxa de juros no Brasil esteve muito acima do que se justifica tecnicamente



Regra da Paridade:

taxa de juros no Brasil = taxa de juros americana + risco Brasil

Nesses vinte anos, a taxa real de juros brasileira esteve em média 4,3 p.p. acima do previsto pela regra da paridade



Maiores Diferenças	
Gustavo Franco	11,3
Loyola	9,8
Meirelles	4,7
Ilan	3,7
Tombini	2,3
Arminio Fraga	1,0

Esses 4,3 p.p. de juros em “excesso” no período custaram mais de **R\$ 2,9 trilhões** no pagamento de juros da dívida pública*

Isso poderia significar

R\$ 2,9 trilhões

=

R\$ 156
bilhões/ano

=

3% do PIB/ano

A Dívida Pública, que hoje está em R\$ 4,4 trilhões (70,5 % do PIB), estaria em R\$ 1,8 trilhão, ou 28% do PIB

ou

Carga Tributária, que hoje está em R\$ 2,1 trilhões (33,5% do PIB), estaria em R\$ 1,9 trilhão (30,5% do PIB). Isso significaria R\$ 184 bilhões a menos em impostos em 2016.

ou

Investimento de 21,6 % do PIB durante todo o período (taxa 15% maior do que a ocorrida), sem contar incremento no investimento privado

* Em R\$ de 2016. Estimativa que não contempla os anos de 1996 e 1997 por falta de disponibilidade de dados sobre a dívida pública

A FIESP tem participado da discussão sobre os juros e feito propostas ao governo

- ✓ Trabalho apresentado ao presidente Michel Temer, propondo um corte mais agressivo da Selic, em agosto do ano passado
- ✓ Organização de seminário para avaliar as causas do juros elevado no Brasil e debater propostas de redução da taxa de juros básica.
- ✓ Reuniões com Banco Central (diretores e presidente Ilan Goldfajn) em Brasília e em São Paulo.
- ✓ Reiteradas manifestações do presidente Paulo Skaf para redução dos juros.

- Banco Central reduziu Selic em 0,75 no Copom de janeiro, mais do que o esperado pelo mercado.
- Presidente do Banco Central, Ilan Goldfajn, deu declarações no sentido de que o ritmo de corte de 0,75 p.p. será mantido nas próximas reuniões do Copom.

Questionamentos sobre a política de juros também começam a ganhar mais espaço

André Lara Resende, um dos criadores do Plano Real, em artigo para o Valor Econômico, levantou novas hipóteses sobre a relação entre os juros e a inflação e questionou a visão convencional da política monetária brasileira

“Como é possível que depois de dois anos seguidos de queda do PIB, de aumento do desemprego, que já passa de 12% da força de trabalho, a taxa de juro no Brasil continue tão alta, enquanto no mundo desenvolvido os juros estão excepcionalmente baixos?”

“A taxa nominal de juros, fixada pelo banco central, atua assim como **signalizador da inflação futura**. Taxas de juros nominais mais altas, no longo prazo, resultam em inflação mais alta”

“O **juro nominal alto sinaliza uma inflação alta, pauta assim as expectativas e mantém a inflação alta**. Ou seja, o juro alto, não só agrava o desequilíbrio fiscal, como no longo prazo mantém a inflação alta.”